

AGÊNCIA ESPACIAL FEMINISTA DO SUL GLOBAL, CAMINHO MULTIPOLAR PARA O NEW SPACE

Por Fabiane M. Borges¹

RESUMO: Quatro feministas oriundas da Índia, México e Brasil se encontram em Paris, por ocasião de um simpósio internacional de Arte e Cultura Espacial - “Global Periphery”, realizado em Setembro de 2022. Elas sentam em um restaurante com mesas na calçada e começam a imaginar a construção de uma Agência Espacial composta por feministas do Sul Global. Elas falam acerca de assuntos como astropolítica, geopolítica, imperialismo, multilateralidade, economia, Sul global, nova ordem mundial, conhecimentos periféricos, saberes subalternizados, centro e periferia, periferia global, epistemicídio, mapa do poder, donos do mundo, donos do sistema solar, políticas futuristas, ancestrofuturismo, conhecimentos dos povos originários, migratórios, diaspóricos, diversidade e feminismo. O jantar foi realizado de fato, mas os conceitos e conversas do texto não reproduzem exatamente as do jantar, pois foram produzidos posteriormente, com licença poética da autora.

Palavras chave: Feminismo; astropolítica; Sul Global; Diversidade; Ancestrofuturismo

AGÊNCIA ESPACIAL FEMINISTA SUL GLOBALISTA

Eu vou contar para vocês uma pequena história sobre um jantar que aconteceu em Paris, com quatro feministas pesquisadoras da Arte e Cultura Espacial, logo após o Seminário "Global Periphery"², organizado por Annick Bureaud e Marcus Neustetter na Cité Internationale des Arts, em 2022. O tema do evento foi "Imaginários Espaciais

¹ Fabiane M. Borges é Dra. em Psicologia Clínica, curadora de arte arte ciência, pesquisadora (LACO/IOUSP). Desenvolveu projetos de Arte e Cultura Espacial no INPE/Brasil com o protejo SACI-E (2019-2022) <http://sacieartscience.wordpress.com> / <http://lacoiousp.wordpress.com>

² Global Periphery Symposium. Website: <https://www.olats.org/global-periphery/>.

Contemporâneos". Os curadores foram generosos em aproximar pesquisadores, artistas e pensadores da cultura espacial oriundos de vários países e de diferentes vertentes estéticas e filosóficas. Houve desde apresentações de obras puramente artísticas até programas institucionais transdisciplinares grandiloquentes. O evento foi realizado na sequência do Congresso Internacional de Astronáutica (Paris/2022)³, o que facilitou a participação de pesquisadores que vieram aquecidos pelas novidades do *New Space*.

A mesa que participei chamava-se "Perspectivas do Sul Global", onde falei sobre os projetos que tenho desenvolvido no Brasil em arte e cultura espacial, inclusive os realizados no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais⁴. A indiana Susmita Mohanty, que eu não conhecia até aquele momento, foi a moderadora dessa mesa. Ela me surpreendeu com uma fala inicial super crítica à cultura espacial americana e europeia, que segundo ela, tenta minimizar o protagonismo mundial que países como a Índia e a China tem promovido em relação ao Espaço, além de reproduzir o preconceito colonial contra o Sul Global, que outrora representava a pobreza e o subdesenvolvimento, mas que hoje em dia, indubitavelmente, estão liderando projetos espaciais de forma inovadora e progressiva.

O discurso inicial de Susmita produziu em mim um efeito de empoderamento. Entendi o que ela quis dizer quando falou em preconceito colonial, mas minha reação foi o oposto de uma revolta, senti uma espécie de orgulho de estar "representando" o Sul Global no Seminário francês. Orgulho que se seguiu noite adentro, no tal jantar.

Depois do primeiro dia de apresentações do Global Periphery fomos a um restaurante francês⁵ com mesinhas super charmosas na calçada, típicas de Paris. Fomos eu, a artista mexicana Ale de la Puente,⁶ a artista indiana Rohini Devasher,⁷ e a engenheira também indiana, CEO de pelo menos três startups internacionais, Susmita Mohanty.⁸ Fizemos uma experiência gastronômica com Escargot e outras especiarias francesas. Retomamos, desse modo, o assunto polêmico do seminário sobre o Sul Global, que tanto frisson tinha causado durante nossa apresentação. Começamos a falar dos reais motivos desta distinção: a mesa das Sul Globalistas. Por que não participamos do seminário naturalmente como pessoas que

³ International Astronautical Congress, Paris/2022. Website: <https://iac2022.org/>.

⁴ SACi-E (Subjetividade, Arte e Ciências Espaciais). Website: <http://sacieartscience.wordpress.com>.

⁵ Hôtel le Relais Saint Germain. Website: <https://www.hotel-paris-relais-saint-germain.com/en/>.

⁶ Ale de la Puente. Website: www.aledelapuenteartist.com

⁷ Rohini Devasher. Website - www.rohinidevasher.com

⁸ Susmita Mohanty. The Moon Walker, Website: <http://www.themoonwalker.in/>

trabalham com arte e cultura espacial, mas fomos destacadas como representantes do Sul Global? Tratava-se somente do preconceito habitual dos países do Atlântico Norte em relação aos países do Sul, ou tratava-se do inevitável reconhecimento da atual ascensão tecnológica e econômica desses países?

Lá estávamos nós, quatro pesquisadoras de arte e cultura espacial, discutindo astropolítica e pensando no papel dos países do Sul Global no *New Space*. Entre um brinde e outro, imaginávamos como seria se montássemos um programa espacial feminista sul globalista. Naquela mesa já tínhamos feministas advindas de três países diferentes, México, Índia e Brasil. Definitivamente faltava uma chinesa na mesa. A ideia era divertida, mas parecia dar muito trabalho.

Saboreei as especiarias francesas falando de boca cheia as palavras Sul + Global, dando ainda mais tempero à experiência gastronômica. Até onde me lembro dos fatos como ocorreram, a engenheira indiana Susmita, apesar de estar se divertindo um pouco, ainda estava um tanto cética sobre todo esse gozo, mesmo que não tenha duvidado nenhum só momento do papel que esses países já estavam exercendo na nova configuração política espacial. Essa falta de aderência discursiva ocidental acerca do atual estado de desenvolvimento e empoderamento dos países do Sul, para ela significava que ainda era grande, apesar de desinformado, o preconceito euro-americano. Ela defendia a ideia, assim como defendeu no seminário, de que essa distinção era uma forma de mapear, exercer poder e reproduzir o racismo sobre países como a Índia.

Mas é preciso sustentar o paradoxo. Sabíamos que existia preconceito, mas que também era inevitável reconhecer a aproximação de um novo paradigma, o das alianças sul globalistas, os BRICS (expandidos), as relações de cooperação e trocas de conhecimento Sul-Sul e o atual estágio de proposição desses países. Para mim estava cada vez mais óbvio que o paradigma colonial estava sendo vencido por estratégias de cooperação tecnológica, econômica e política dos países do Sul. Não se tratava mais do “Nós civilizados” da Europa e EUA e “Eles os bárbaros” do resto do mundo, mas de uma consistente reviravolta. E por isso a palavra Sul + Global misturada com as especiarias francesas tinha sim um certo gozo na boca, era uma antropofagia degustativa, uma digestão dos sistemas de repressão e dominação que aquela mesa de calçada em Paris, representava.

Em tom animado começamos a falar da agência espacial feminista, mas nos vimos num impasse: permitiríamos que a agência tivesse participação de feministas do Norte? Se sim,

daríamos a elas apéis inclusivos nos setores de coordenação e gerenciamento? Ou relegaríamos a elas os papéis mais subalternos como a de buscar recursos financeiros para sustentar os projetos, porém garantindo os principais espaços de articulação e direção às feministas do Sul?

Muita calma nessa hora caras leitoras, tratava-se somente de uma especulação afirmativa regada a vinho, num delicioso restaurante francês, pago com as diárias do evento, caso contrário esse encontro seria improvável.

Colocar nortistas na coordenação do nosso programa espacial sulista, parecia inaceitável naquele momento! Por acaso não sabemos que muitas pesquisadoras dos países do sul, apesar de acessar programas internacionais, quase nunca atingem o grau máximo da sua hierarquia? Por acaso, não somos tratadas, quase que invariavelmente, como imigrantes ou seres estranhos com sotaque engraçado, de outra raça, e não sofremos os preconceitos dados aos diferentes? Sei que estou falando aqui de lugares de privilégio, mas vale pensar como sofrem ainda mais com o racismo e xenofobia as que migram somente com a esperança de ter uma vida melhor. Esses lugares de alta hierarquia não são dados facilmente às habitantes do Sul. Para que isso pudesse acontecer de forma abundante, teríamos que inverter a lógica atlanticista, ou seja, romper com a dominação econômica e militar nortista e nos direcionar rumo à multipolaridade não imperialista (CHATIN et al., 2019; DADOS et al., 2012).

_ Uau, que sonho!

_ Sim, mas antes que alguém jogue água fria em nossa alegria, dizendo que só haverá mudança de monopólio, mas que nada realmente vai mudar, a gente pode imaginar tudo isso.

_ Outro brinde!

Alguém falou na mesa:

_ Caso fizéssemos isso, de não deixar as norte globalistas fazerem parte da gerência da nossa agência espacial, não estaríamos somente invertendo o mapa do poder? É isso que gostaríamos de reproduzir? Vamos nos vingar?

Vejam como uma pequena brincadeira notívaga e ébria pode nos trazer problemas éticos e morais em nível planetário.

É notório que nossos próprios países não conseguem promover, para a sua população local, o mesmo nível de acesso às tecnologias de ponta que países da Europa e Estados Unidos conseguiram até agora. Isso se dá devido a um pacto histórico colonial, que hoje em dia se manifesta através das salvaguardas tecnológicas e contratos protecionistas de patentes que nos impedem legalmente, sob ameaça de multas, sanções ou invasões militares, de utilizarmos tecnologias patenteadas pelos países aliados do Atlântico Norte. Isso acontece muitas vezes mesmo que estejamos dispostos a pagar por essas tecnologias, como é o caso das tecnologias dos foguetes, que são impedidas de serem desenvolvidas em vários países, como o Brasil, por estarem protegidas por patentes tecnocientíficas ou por leis contra o desenvolvimento de armamento nuclear, que poderia ser facilmente embarcado nos foguetes ou submarinos, de forma que há uma política de impedimento de desenvolvimento, inclusive relativos à segurança nacional (BORGES, 2022). Até onde sabemos países como a China e a Índia estão conseguindo atravessar esse cerco de forma surpreendente. O modo como estão conseguindo fazer isso apareceram na nossa conversa de forma controversa. Falamos em armamento nuclear e copyleft nas patentes gringas - assegurada pelo fortalecimento dos exércitos nacionais e estratégias de apropriação tecnocientífica. Apesar dessas questões serem muito interessantes, não vou trazer isso à tona nesse texto, porque isso nos desviaria do ponto principal e acabaria por nos levar a falar da relação entre a indústria da guerra e soberania nacional, que é um assunto altamente relevante porém não exatamente da alçada de agentes espaciais culturais, que era o que nos unia naquele restaurante.

Mas sigamos com a inversão do mapa do poder. Somente trocar o poder do Norte para o Sul, sem promover por princípio os conhecimentos e perspectivas minoritários, traria como efeito colateral o empoderamento das ideologias e valores das elites autocráticas do Sul Global, que também estão historicamente contaminadas pelo colonialismo, globalismo corporativo e pela exploração desenfreada, sem nenhum interesse real pelas populações locais. Continuariam a existir os vários “Suis” dentro do mapa invertido. Com certeza cada uma de nós quatro tínhamos muito o que falar sobre isso, cada uma a partir de seu próprio país, dominados pelas classes privilegiadas, elitistas, racistas, machistas, conservadoras, com suas corporações entreguistas e suas mentalidades colonizadas e mesquinhas.

Parece que neste ponto alguns conceitos se intensificaram, eu os coloco no texto conforme me lembro dos argumentos e ideias.

Se nos países do Sul vivemos, geralmente, sob o controle e dominação desses vários Nortes que o compõem (e decompõem), incluindo os Nortes intrínsecos ao próprio Sul, o que restaria de relevante para as minorias dos nossos países ensinar para o Norte ou para contribuir em termos globais, para além das estratégias de sobrevivência, resistência e resiliência dessas minorias, tão duramente afetadas pela exploração colonial e capitalista?

As duas artistas da mesa, a mexicana Ale de la Puente e a indiana Rohini Devasher, tinham algo a falar sobre essa questão. Elas fizeram uma dupla na apresentação do Seminário Global Periphery, trazendo trabalhos artísticos feitos, entre outros lugares, em observatórios antigos de seus países, nos apresentando pesquisas poéticas que criavam diálogo entre a astronomia e suas perspectivas locais, promovendo uma atmosfera de pausa e profundidade. Elas nos contaram histórias acerca da relação com o tempo, espaço e cosmos que não são muito valorizadas nas agências ocidentais. Reivindicaram a importância de se pensar a observação astronômica, por exemplo, como processo, experiência e incorporação do conhecimento. Falaram da necessidade de desconstruir a ideia de que os dados informacionais são a única fonte de conhecimento de uma pesquisa científica, que existem outras fontes que estão sendo cada vez mais desprezadas, como a imersão contemplativa, a dimensão poética e estética, a revelação de afetos e sensações no encontro com o que se observa, a descontinuidade do tempo, a necessidade de variação das perguntas que deveriam ser feitas para a investigação científica, a criação de novas linguagens tecnológicas, a diversidade de narrativas e de interpretação, o retorno do maravilhamento, tão necessário para combater o horror e o medo, nossa atual sensação de fundo subjetivo ,diante do horror da guerra e das mudanças climáticas. Então tínhamos nesse jantar, alguns indícios do que poderíamos qualificar como um pensamento Sul Globalista, digno de ser compartilhado com o resto do mundo.

Muitos debates têm sido realizados no Brasil e América Latina em geral acerca dos conhecimentos do Sul.⁹ Conhecimentos esses que foram subjugados por grandes conceitos coloniais do Norte como racionalidade, capitalismo, monoteísmo, objetividade científica, progresso, colonização, história da arte, ética, filosofia, história do pensamento, cronologia, calendário gregoriano, evolução vertical, individualismo, globalismo, entre tantos outros. O

⁹ Como exemplo o projeto de extensão Saberes do Sul Global", uma parceria das Universidades Unesp com a Unila, para debater as Epistemologias do Sul e sua interface com as áreas de Comunicação e Relações Internacionais. TV Unesp (Streamed live on 26 Apr 2021) https://www.youtube.com/watch?v=FR36d9AQU_E

ocidente é viciado em seu próprio método de produção de conhecimento, preso em sua própria linhagem (Platão, Aristóteles, Descartes, Hegel, Darwin, etc), adicto à linearidade e à auto-referência, e aplica seu modelo a toda a realidade. Adquiriu ao longo do tempo uma fórmula de interpretação do mundo e a utiliza para transformar conhecimento em poder. Não tem disponibilidade para adaptar-se aos modos de produção de conhecimentos advindos de outras origens, consideradas subalternas. Os conhecimentos cosmológicos do Sul foram soterrados por esses aparatos metodológicos e tecnológicos, apesar de toda a resistência. Mas hoje em dia esses conhecimentos têm vindo à tona, de modo a gerar algum tipo de equilíbrio (ou desequilíbrio) (QUIJANO, 1999).

Trazer esses conhecimentos situados à tona significa desenterrá-los, às vezes em fragmentos, como em um processo arqueológico, já que muitas vezes estão quebrados e destituídos de sua forma original (HARAWAY, 2013). Isso tem sido feito através do investimento na produção de memória, ligação de linhas narrativas dispersas e recuperação de línguas esquecidas. Para que essas informações sejam atualizadas, é necessário criar espaço e tempo para a evocação e elaboração de afetos e sentidos (BORGES et al., 2018). Às vezes, é necessário recuperar territórios físicos, como os dos povos indígenas, para promover a cura de traumas históricos, gerar novos entendimentos e novos imaginários que se relacionam com o passado e com os futuros germinados nele (KOPENAWA e ALBERT, 2013). Isso inclui conhecimentos tecnológicos e sociais de sobrevivência, modos de vida em comunidade, comportamentos sociais e relações com a natureza, que são fontes de conhecimento que os povos indígenas, migratórios e diaspóricos carregam consigo, mesmo de forma transversal, e têm generosamente ensinado aos seus contemporâneos. Nestas memórias estão contidas sabedorias cosmológicas, medicinas tradicionais, autonomia alimentar, recuperação de solos e nascentes, cantorias, modos de bem viver e bem morrer, entre muitas outras coisas. Tornar presentes as pequenas e grandes revoluções contra o imperialismo, os ativismos feministas pré-coloniais que atualmente se entrelaçam com novas compreensões de gênero, raça e corpo não é um capricho, mas uma necessidade atual para reconectar-se com o planeta Terra e com a diversidade que o caracteriza, mesmo que pareça tarde demais para o Homo sapiens. É importante lembrar que, embora o Homo sapiens tenha contribuído para a extinção de várias espécies, incluindo outros homínídeos como o Homo neanderthalensis e o Homo denisovans, nossa espécie ainda preserva uma notável diversidade cultural e uma ampla variedade de formas de viver, o que deve ser considerado em nossos projetos para a ocupação do sistema solar, caso sobrevivamos à atual ameaça de nossa própria extinção.

A potencialização desses saberes situados traz, para todos nós terrestres, um amplo arsenal de sabedoria, fundamental inclusive para a produção de ciência e tecnologia e de inteligência artificial, que se não se vincular com todos esses conhecimentos soterrados, acabará por reproduzir um modelo de inteligência empobrecida e precarizada baseada somente em linhas de comando, programadas por pessoas com pouca experiência cultural, histórica, sem habilidades emocionais profundas e sem memória da diversidade (KOPENAWA e ALBERT, 2013).

Se faz urgente destruir as estruturas do inconsciente colonial (ROLNIK, 2018), aprimorar nossa capacidade de diplomacia com outras espécies do planeta, como com as florestas, os animais, a água, os sistemas cosmológicos e terrestres, ativando desse modo possibilidades de coexistência e ampliação da inteligência. Revisitar os arquivos memorativos, oníricos e imaginários parece ser imprescindível para gerar uma nova ordem mundial, pluridiversa e interessada em novos procedimentos para a coexistência das diferentes sociedades humanas e não humanas.

Desconstruir o pensamento hegemônico colonial, destituir a realidade do epistemicídio, deixar vir à tona a multiplicidade de perspectivas é parte do processo de ativar esses conhecimentos do Sul Global, para que apareçam, frutifiquem, reverberem e ampliem, inclusive, para que destranquem os obsessivos entraves dos fanatismos religiosos contemporâneos (em todo o mundo). Esses conhecimentos não estão em algum lugar secreto do passado esperando serem revelados, mas fragmentados nas redes imaginárias e subconscientes e nas localidades que lhe dão contorno.

Diante de tantos ensinamentos e contribuições que o Sul Global poderia dar para o mundo, certamente um dos mais relevantes é o de fazer novos questionamentos, novas perguntas, propor novas formas de desenvolver o pensamento contemporâneo. Trata-se de promover a tecnodiversidade (HUI, 2017), reestruturar os modelos de produção de conhecimento, promover a pluralidade de saberes. Nesse sentido compreendemos a importância do processo. É preciso um longo caminho de entendimento e diplomacia e não somente de inversão do mapa de poder trocando o Norte pelo Sul, ou operando só na lógica da oposição de ideias sem mudança de estrutura.

Sabemos que para se chegar nesse estágio de potencialização epistemológica e de consciência, não basta somente racionalidade e boa intenção, é preciso também revolução, guerra, fortalecimento de exércitos, apropriação tecnológica, investimento pesado em

educação, retomada de controle econômico por parte das nações outrora subalternizadas, e nesse quesito hoje em dia, a China é a referência mais evidente. O que se perdeu de sabedorias e culturas locais chinesas nesse processo, ainda está sendo debatido e atualizado em inúmeras pesquisas, congressos e debates na própria China através de pensadores da tecnologia e cultura (HUI, 2017).

Tem todos esses povos do Sul Global que já estão nessa mesma busca da China por autonomia e soberania, e não querem mais ser dominados pelo império americano (e seus países aliados), que se autodeterminaram por um tempo como o centro econômico e cultural de poder global de forma unilateral, mas que agora dão abertura para serem substituídos pelos aglomerados corporativos, que tem como objetivo ocupar o lugar dos Estados-nação e dominar o futuro planetário, transformando as populações mundiais em acionistas, rentistas e usuários dessa megamáquina capitalista.

O movimento neoliberal se tornou um sistema expansivo de exploração econômica (tanto terrestre quanto extraterrestre), no qual os Estados-nação perdem cada vez mais relevância e os povos são transformados em consumidores permanentes dentro de uma lógica de produção e consumo contínuo. Esse modelo econômico favorece a acumulação de riqueza nas mãos de uma elite que controla ativos, aplicativos e plataformas, sem gerar valor produtivo real. Ao fazê-lo, suprime outras formas de organização social e visões alternativas de futuro, criando gerações de novos consumidores adictos. Nesse contexto, o capitalismo rentista permeia todos os espectros do desejo humano, dificultando possíveis resistências, por excesso de dependência, especialmente para as novas gerações.

Para sair desse impasse estão sendo propostas uma série de novas agremiações políticas e econômicas entre os países do Sul. Mas o que nos interessa particularmente é reivindicar a cooperação entre as várias linhas transversais de diversidade que compõem todos esses países, não para formar um bloco unilateral de pensamento, mas para deixar viver as outras perspectivas. Essa é a forma mais eficaz de combater as supremacias hegemônicas do Norte e do próprio Sul. Nesse sentido esses conhecimentos do Sul, significam também um Sul do pensamento, que podem estar fragmentados em qualquer parte geográfica do planeta, através de traços de conhecimento dos povos minoritários e subalternizados (SEGATO, 2021).

Esses pensamentos do Sul tem muito a contribuir para criar alternativas para esse futuro corporativo anunciado, em prol de outros mundos possíveis advindos da multiplicidade. Mundos que muitos de nós desejam que sejam mais colaborativos, comunitários, ecológicos,

com igualdade entre os povos, raças, gêneros, diversidade de culturas, respeito às diferentes perspectivas de mundo, visando um futuro de abundância existencial e cuidado planetário, sem contudo negar o desenvolvimento tecnocientífico interplanetário, mas entendendo-o cada vez mais como linguagem cuja estrutura é diversa e não unívoca e uniforme (BORGES, 2018). Para fazermos isso temos que repensar as perguntas da pesquisa em todos os níveis, das humanas e das exatas, quebrar o paradigma da competitividade individualista ou corporativa, para poder investir na heterogeneidade estrutural, na colaboração global, multiplanetária e cósmica.

– É trabalho demais!

– Um brinde à tarefa gigante que essa consciência multipolar e pró diversidade requer.

– Será muito árduo o caminho pela frente, caso façamos a agência espacial feminista sul globalista baseada em todos esses princípios libertadores.

–Tim Tim.

O jantar terminou. Infelizmente a gente não chegou a um consenso acerca da criação de fato da tal agência espacial naquela noite, mas ela tinha todas essas tarefas pela frente, da multiplicidade, diversidade de gênero, raça, classe, cultura (humana e multiespecífica, ou seja, levando em conta todas as espécies que habitam o planeta terra e os outros planetas), da reestruturação da linguagem tecnocientífica através de pesquisas abertas, experimentais, irrestritas, diversas, que admitem a variedade interpretativa e não busquem somente um significado para todos os conjuntos de dados obtidos com a pesquisa, e que seja multipolar e não imperialista. É assim que gostaríamos de ganhar as órbitas e garantir nosso trânsito espacial. E sim, apesar de liberar a entrada para as feministas do Norte, a agência deveria ser constituída fundamentalmente pelas feministas do Sul, pautada nas demandas minoritárias e nos saberes do Sul Global.

Obs. Essa conversa necessariamente deverá ser continuada em alguma outra situação, seja por nós quatro feministas espaciais na mesa do restaurante de calçada em Paris, ou por outras que estão pensando a mesma coisa em outras mesas do mundo.

Talvez a agência já tenha sido feita, mas ainda não por nós. Se você decidir criar uma agência espacial tão especial, por favor, nos convide para participar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALE DE LA PUENTE. Website: www.aledelapuentearmist.com. Acesso em: 2 out. 2024.

BALLESTRIN, Luciana. O giro decolonial e a América Latina. *Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p. 89-116, 2013.

BORGES, Fabiane M.; FRAGOSO, Maria Luiza. Ancestrofuturism, Ancestralities and Technoshamanism - CAC.6 — Computer and Media Art Education - 6th Computer Art Congress 2018. Guanajuato, México, 10-12 out. 2018. Disponível em: http://europia.org/cac6/CAC-Pdf/12-CAC6-16-Fabi_Malu_Ancestrofuturism.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

_____. Ancestrofuturism: Two Stories of Women who Travel in Time and Space. Space Feminisms. Bloomsbury Publishing. 2024.

BORGES, Fabiane M. Space art and culture in Brazil: Three years of activities at the National Institute for Space Research. *Makery magazine*, Paris, 2022. Disponível em: <https://www.makery.info/author/fabiane-m-borges/>. Acesso em: 2 out. 2024.

CHATIN, Mathilde; GALLAROTTI, Giulio M. Emerging Powers in International Politics: The BRICS and Soft Power. London: Routledge, 2019.

DADOS, Nour; CONNELL, Raewyn. The Global South. Contexts, v. 11, n. 1, p. 12-13, 2012.

GLOBAL PERIPHERY SYMPOSIUM. Disponível em: <https://www.olats.org/global-periphery/>. Acesso em: 2 out. 2024.

HARAWAY, Donna J. Staying with the Trouble. Duke University Press, 2016.

HÔTEL LE RELAIS SAINT GERMAIN. Disponível em: <https://www.hotel-paris-relais-saint-germain.com/en/>. Acesso em: 2 out. 2024.

HUI, Yuk. The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechnics. Falmouth: Urbanomic, 2017.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. The Falling Sky: Words of a Yanomami Shaman. Translated by Nicholas Elliott and Alison Dundy. Berknap Press of Harvard University Press, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *Dispositivo*, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

ROHINI DEVASHER. Disponível em: www.rohinidevasher.com. Acesso em: 2 out. 2024.

ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SABERES DO SUL GLOBAL. Uma parceria das Universidades Unesp com a Unila (projeto de extensão) para debater as Epistemologias do Sul e sua interface com as áreas de Comunicação e Relações Internacionais. *TV Unesp*, 26 abr. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FR36d9AQU_E. Acesso em: 2 out. 2024.

SEGATO, Rita. Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SUSMITA MOHANTY. The Moon Walker. Disponível em: <http://www.themoonwalker.in/>. Acesso em: 2 out. 2024.